

OS CADERNOS DA REALIDADE DOS ALUNOS DA LEDOC/UFES COMO AGENCIAMENTOS COLETIVOS DE ENUNCIÇÃO

THE STUDENT'S NOTEBOOK REALITY ON LEDOC/UFES AS COLLECTIVE ENUNCIATION MANAGEMENT

Sandra Kretli da Silva*

RESUMO: Este texto objetiva apresentar resultados de uma pesquisa que investiga os “usos” que os professores e os alunos fazem dos cadernos da realidade produzidos pelos alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Espírito Santo. Problematisa o modo como os *usos* desses cadernos expressam os currículos *pensadospraticados*. Utiliza, como aporte teórico-metodológico, o pensamento de Michel de Certeau (1994), Deleuze e Parnet (1977), Deleuze e Guattari (2015) e Lazaratto (2006; 2014). Aponta que os alunos fazem *usos* diversos dos cadernos: favorecer a memória, como indicam os textos que tratam desse instrumento; planejar suas ações; desabafar e fazer o pensamento movimentar, delirar, etc. Já os professores *usam* os cadernos para avaliar os processos de *aprenderensinar* e nos movimentos de invenções curriculares, pois acreditam que “uso” é poética, é invenção. Foi evidenciado ainda que os cadernos da realidade são agenciamentos maquínicos de desejo, ou seja, agenciamentos coletivos de enunciação que possibilitam movimentar o pensamento e abrir fissuras paradigmáticas. Afirma, assim, a necessidade de abrir/criar *espaçostempos* e redes de conversações para que professores e alunos possam dialogar sobre as *escreleituras* desses cadernos, a fim de ampliar e potencializar os processos inventivos dos currículos *pensadospraticados* na Educação do Campo.

Palavras-chave: Cadernos da Realidade; Pedagogia da Alternância; Currículos *pensadospraticados*; Educação do Campo.

ABSTRACT: This text aims to present results of a research that investigates the uses that teachers and students make of the notebook of reality produced by the undergraduate students of the field of the Federal University of Espírito Santo. It problematizes the way in which the uses of these notebooks express the thoughtful curricula. It uses as a theoretical-methodological contribution the thought of Michel de Certeau (1994), Deleuze and Parnet (1977), Deleuze and Guattari (2015) and Lazaratto (2006, 2014). He points out that the students make different uses of the notebooks: to favor memory, as indicated in the texts that deal with this instrument; plan your actions; and to make the thinking move, delirious... The teachers use the notebooks to evaluate the learning processes and the movements of curricular inventions, because they believe that "use" is poetic, it is invention. It was also evidenced that the notebook of reality are machinic assemblages of desire, that is, collective assemblages of enunciation that make it possible to move thoughts and open

* Doutorado em Educação pela Universidade Federal do Espírito Santo (UFES). Docente da UFES, atuando no Programa de Pós-Graduação em Educação. Membro do Núcleo de Currículos, Culturas e Cotidianos da UFES. Contato: sandra.kretli@hotmail.com

paradigmatic fissures. It thus affirms the need to open /create spaces and networks of conversations so that teachers and students can talk about the writing of these notebooks, in order to broaden and enhance the inventive processes of the curricula considered in countryside education.

Keywords: Notebook of reality; Pedagogy of Alternation; Thoughtful curricula; Countryside education.

INTRODUÇÃO

As coisas não querem mais ser vistas por pessoas razoáveis
Elas querem ser olhadas de azul.
(Manoel de Barros)

Iniciamos esta escrita provocada pelas memórias inventadas do poeta Manoel de Barros e nos deixamos levar pelos encantamentos das linhas de fugas traçadas pelos alunos nas escritas dos cadernos da realidade, a fim de nos libertarmos das amarras da função professoral que muitas vezes nos impedem de aguçar o olhar, ampliar novas maneiras de pensar o mundo e inventar novas vidas. Vidas mais afetivas, intensivas, compartilhadas, vidas inventivas, vidas libertas que fogem de ser apenas o que as diretrizes curriculares e/ou os descritores avaliativos sugerem e esperam que sejamos.

Este texto objetiva apresentar resultados parciais da pesquisa intitulada *Os processos formativos dos estudantes do Curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ufes: um olhar com e pelos cadernos da realidade*. A pesquisa tem como objetivo principal investigar a produção dos saberes dos estudantes desse curso no que tange aos seus processos formativos, numa perspectiva dialógica e discursiva, tomando como fonte os cadernos da realidade, um instrumento fundamental no processo metodológico da Pedagogia da Alternância. O aluno é orientado a registrar no caderno as principais observações, questões e reflexões vivenciadas no tempo comunidade e no tempo universidade.

Nesse momento, apresentamos apenas alguns dos “usos” que professores e alunos vêm fazendo dos cadernos da realidade produzidos pelos estudantes do Curso de Licenciatura do Campo da Universidade Federal do Espírito Santo (Ledoc/Ufes).

Esse curso teve início no primeiro semestre de 2014, visando à formação de professores com habilitação em Ciências Humanas e Linguagens para exercer funções de magistério nos anos finais do ensino fundamental e ensino médio, com postura profissional ética pautada na responsabilidade social com a construção de uma sociedade incluyente, justa e solidária, conforme aponta o Projeto Político-Pedagógico do curso.

O currículo do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Universidade Federal do Espírito Santo se organiza, metodologicamente, por alternância entre tempo universidade e tempo comunidade. A intencionalidade dessa metodologia é fazer com que os processos formativos que se constituem em diferentes *espaçotempos* – como na universidade, nos tempos de vida culturais das comunidades das escolas do campo, nos movimentos sociais e em tantos outros – sejam articulados. Afinal, entendemos que os processos de *aprenderensinar* se engendram em todos esses contextos.

A Pedagogia da Alternância consiste em uma metodologia de organização do ensino escolar que agrega diferentes valores e experiências formativas, atribuindo grande importância à articulação entre a atividade no meio socioprofissional do jovem e a atividade escolar, com ênfase no conhecimento acumulado a partir das experiências do educando. Além das disciplinas escolares básicas, também fazem parte dos conteúdos desse contexto pedagógico temas relacionados com a vida associativa e comunitária, com o meio ambiente, a formação integral nos meios profissionais, social, político e econômico do estudante (GIMONET, 2007). O caderno da realidade, nas escolas famílias agrícolas, é um instrumento usado como meio de produção de conhecimentos pelo aluno, mas servem também como instrumento de avaliação para o docente, pois a partir dele o professor pode acompanhar o processo de *aprenderensinar* e, assim, planejar as suas ações.

A pesquisa buscou: a) analisar os cadernos da realidade dos alunos em seus contextos de produção, compreendendo a percepção e os “usos” dos estudantes a respeito desse artefato cultural para a formação docente; b) problematizar os registros das produções dos cadernos da realidade, considerando a perspectiva do diálogo entre os múltiplos saberes mobilizados nos diferentes *espaçotempos* educativos, bem como suas articulações com as

problemáticas das comunidades em que estão inseridos; c) capturar os “usos” que os alunos fazem dos cadernos e analisar se estes expressam os currículos praticados (OLIVEIRA, 2003) no curso de Ledoc/Ufes; d) compreender as intervenções promovidas pelos estudantes nas comunidades em que atuam, partindo de uma perspectiva dialógica com base nos registros dos cadernos da realidade; e) analisar as *praticasdiscursivas* e as vozes que delas ecoam, no sentido de perceber os entrecruzamentos da vida campesina – sua cultura, artes de fazer, trabalho e formação docente –, trazendo a dimensão ética e estética da pesquisa em Ciências Humanas.

Compreendemos, com Oliveira (2012), a autoria no campo curricular como produção autônoma, original, criativa e autêntica. Assim, os praticantes ordinários (CERTEAU, 1994) possuem a necessária autoridade para elaborar o currículo, superando a cisão entre aqueles que pensam e aqueles que fazem o currículo, por meio das suas inúmeras “artes de fazer” (KRETLI, 2012) que cotidianamente são criadas e reinventadas.

Nesse texto, pretendemos abordar os “usos” que os professores e os alunos fazem do caderno da realidade e problematizar o modo como esses “usos” são agenciamentos maquínicos de desejos e expressam os currículos *pensadospraticados* (OLIVEIRA, 2012) no Curso de Ledoc/Ufes.

OS CADERNOS DA REALIDADE COMO AGENCIAMENTOS MAQUÍNICOS DE DESEJOS E AS RUPTURAS NOS DIFERENTES MODOS DE PENSAR OS CURRÍCULOS

Uma boa maneira de se ler hoje em dia,
seria tratar um livro como se ouve um disco,
como se vê um filme,
[...] como se recebe uma canção.
(Gilles Deleuze)

Realizamos a leitura dos cadernos da realidade dos alunos do Curso de Educação do Campo da Universidade Federal do Espírito Santo, como nos propõem Deleuze e Parnet (1977), deixando-nos ser agenciados pelas intensidades que nos eram convenientes, a fim de capturar os devires minoritários dos processos de *aprenderensinar*. Os devires são o que há de mais imperceptível, porém estão expressos em uma vida. Que vidas, que

forças estão sendo atravessadas por esses cotidianos? Que vidas foram escritas nesses cadernos da realidade dos alunos do Curso de Licenciatura em Educação do Campo da Ufes? Que afetos e afeições são possíveis vivenciar e visibilizar?

Deleuze e Guattari (2015), em *Kafka: por uma literatura menor*, apontam que um agenciamento é uma ação maquínica de desejo e, também, é agenciamento coletivo de enunciação. Explicam que uma máquina só é técnica como máquina social, ou seja, toma homens e mulheres em e dentre suas engrenagens. Os autores nos contam que Kafka, em *O foguista*, apresenta a caldeiraria como máquina. Afirmando que ele não pensa somente nas condições de trabalho alienado, mecanizado, mas, especialmente, considera que os homens e as mulheres fazem parte da máquina em diversos *espaçotempos*: em seu trabalho, em seus descansos, em seus protestos e reivindicações, com seus amores, em suas indignações. A máquina é desejo, pois faz incessantemente máquinas na máquina.

As novas engrenagens estão sempre sendo constituídas, mesmo quando existem engrenagens que se opõem e funcionam de maneiras diferentes, pois o que faz máquina são as conexões. Diante disso, problematizamos: que composições estão sendo produtoras de novas engrenagens/máquinas no Curso de Licenciatura do Campo da Ufes? Que elementos os alunos e professores expressam como conexões importantes na produção das máquinas? Que processos de subjetivações são produzidos por meio dos múltiplos encontros da Lec/Ufes realizados nos diferentes *espaçotempos de aprendizagensensino*?

Os enunciados fazem parte da máquina, são sempre jurídicos e se constituem conforme regras e manuais de instruções. No entanto, são as diferenças de enunciados que desmontam e reconstroem novas engrenagens e novas máquinas. Será que estamos permitindo que pensamentos e diferentes enunciações circulem nesses *espaçotempos*?

Kafka se apaixona por algumas questões que podem contribuir com os nossos movimentos de pesquisa: quando podemos dizer que um enunciado é novo? Quando podemos dizer que um novo agenciamento se desenha? Em que

sentido o enunciado é sempre coletivo, mesmo quando ele é emitido por uma singularidade?

Deleuze e Guattari (2015, p. 150-151) não acreditam que o enunciado possa ser reportado a um sujeito:

[...] o enunciado não remete jamais a um sujeito. Ele não remete mais a uma dupla, ou seja, a dois sujeitos dos quais um agiria como causa ou sujeito de enunciação, e o outro como função ou sujeito de enunciado. Não há um sujeito que emite um enunciado, nem um sujeito cujo enunciado seria emitido. É verdade que os linguistas que se servem dessa complementaridade a definem de uma maneira mais complexa e consideram 'a marca do processo de enunciação no enunciado'.

Assim, os enunciados expressos nos Cadernos da Realidade dos alunos do curso Ledoc/Ufes são um agenciamento de enunciação “[...] em um processo que não deixa lugar para um sujeito qualquer assinalável” (DELEUZE; GUATARRI, 2015, p. 151), mas possibilita marcar a função dos enunciados, já que estes não existem a não ser como engrenagens de novos agenciamentos, de novos processos de subjetivação, de outros processos de existência. Para Deleuze (2010, p. 124), é necessário pegar as coisas para extrair delas as visibilidades, assim como é preciso “[...] rachar as palavras ou as frases para delas extrair os enunciados”. O que os enunciados expressos nos Cadernos da Realidade dos alunos da Ledoc/Ufes podem dizer da Educação do Campo? O que falam dos nossos modos de subjetivação? Das nossas possibilidades de vida? Será que estamos sendo suficientemente “artistas” e “poetas” para além do poder e do saber, como nos alerta Deleuze? Como andam os nossos oxigênios?

Deleuze (2010, p. 147) explica que Foucault sempre se interessou por analisar as maneiras de nos constituirmos como sujeito, pela nossa relação com a subjetivação. A subjetivação, como processo, é uma individuação, pessoal ou coletiva, de um ou de vários. Existem muitos tipos de individuação. “[...] Há individuações do tipo “sujeito”, (é você, sou eu...), mas há também individuações do tipo acontecimento, sem sujeito “[...] um vento, uma atmosfera, uma hora do dia, uma batalha [...]”. Na individuação como acontecimento, são os agenciamentos e as intensidades vivenciadas nos

múltiplos *espaçotempos* cotidianos que nos afetam, que fazem movimentar o pensamento, que fazem da vida uma obra de arte. Como nas invenções de Manoel de Barros, fazem-nos “voar sem asas”.

O Caderno da Realidade, segundo Gimonet (2007), foi pensado como um instrumento da Pedagogia da Alternância que objetiva levar os alunos a registrar as suas observações, análises e reflexões ao longo do processo de aprendizagem; contribui nos processos de avaliação de professores e de alunos. Percebemos, nos encontros com esses cadernos, que os seus “usos” são muito diversos: favorecer a memória, como indicam alguns dos textos que tratam desse instrumento, assim como desabafar e fazer o pensamento se movimentar, delirar... Já os professores usam para avaliar os processos de *aprenderensinar*, reinventar a formação de professores e, principalmente, potencializar os movimentos de invenções curriculares.

Michel de Certeau (1994) sugere que estejamos atentos às modalidades das ações e formalidades das práticas e nos convida a conhecer melhor as táticas dos praticantes ordinários dos cotidianos. Para ele, essas táticas desviacionistas não obedecem à lei do lugar. O que as distingue das estratégias, que visam a criar lugares, segundo modelos abstratos, é que elas não produzem, mapeiam, impõem espaços; elas “usam”, manipulam e alteram.

Em alguns textos que tratam dos Cadernos da Realidade como instrumento importante da Pedagogia da Alternância, encontramos orientações de como os alunos podem fazer o caderno, sugerindo até mesmo que ele tenha três partes: uma que seria um memorial, explicitando como fazê-lo, com perguntas que facilitariam a sua produção; outra contendo orientação que sugere que o aluno descreva as suas intenções no projeto de pesquisa para ser realizado no tempo comunidade; e, por fim, a última seria para fazer as resenhas dos conteúdos trabalhados nas disciplinas do curso (GOMES, 2010).

No entanto, buscamos os “usos” que os alunos e professores fazem desses cadernos a fim de capturar as táticas desviacionistas e os processos de fabricação que, para Certeau, são os processos de criação e invenção. Percebemos, por exemplo, que, ao descrever uma aula, a aluna registra, além de alguns conceitos que considera importante guardar na memória do caderno, os livros que deseja comprar: “[...] Ética da Libertação, Henrique Dussel;

Manifesto do Partido Comunista; Fundamentos da escola do trabalho, Pistrak” (HORTÊNSIA,¹ Caderno da Realidade, 2015).

Cartas da Universidade, cópia de *e-mails*, informativos, ementas das disciplinas, cópias de textos, títulos de filmes que deseja ver, relatórios do tempo comunidade, planejamento das místicas, enfim... Muitos “usos” e invenções foram realizados. Destacaremos alguns aspectos que nos afetaram como forma de movimentar o pensamento e, ainda, como desabafos.

A aluna Girassol, por exemplo, descreve que, ao escutar o áudio de um dos encontros do tempo universidade, ao discutir as questões ambientais da sua comunidade com os colegas da classe, com os professores e com pessoas da comunidade percebe o quanto o seu pensamento era baseado no “senso comum reducionista” (palavras dela) e comenta como esse sentimento provocou novos desafios e desejos de aprofundamento nos estudos. Mais adiante, ao reler o seu relatório de pesquisa, ela também problematiza o fato de dizer que a escola pesquisada não possui identidade, pois não é urbana e não se reconhece como rural. Afirma, ainda, que não há sentimento de pertencimento nos membros da comunidade pesquisada. A aluna problematiza em seu caderno:

[...] Será que esta falta de identidade é realmente uma falta de identidade, ou a falta de identidade que eu determinei que a comunidade deveria ter? Será que o que eu olhei, ouvi ou escrevi é de fato o que eu vi, ou o que eu queria ver? Ou, pior, o que me ensinaram a ver? (GIRASSOL, Caderno da Realidade, 2015).

Como afirma Deleuze (2010, p. 130), a aluna problematiza os diferentes modos de existência, o que Foucault chamou de “estilos de vida”, estética da existência, ética, que se opõem à moral, pois a moral se apresenta como um conjunto de regras que “[...] consiste em julgar ações e intenções, referindo-as a valores transcendentais (é certo, é errado etc.); a ética é um conjunto de

¹ Os nomes são fictícios. Escolhemos nomes de flores e plantas a fim de quebrar a possibilidade de pensar a existência de um “sujeito soberano”.

regras facultativas que avaliam o que fazemos, o que dizemos, em função do modo de existência que isso implica”. Portanto, são os “estilos de vida”, os agenciamentos coletivos de desejo, os encontros, os afetos, as linguagens, as nossas relações que nos constituem de um jeito ou de outro, em movimentos incessantes e cheios de arrombos, deslizamentos, desconstruções. Assim, como nômades, vamos inventando e reinventando os nossos processos de subjetivações e as nossas identidades híbridas, múltiplas, plurais, flexíveis, mutantes e produzidas a cada novo encontro, na diferença.

Já o aluno Alecrim, em algumas partes do caderno, demonstra que ele também serve como forma de desabafar: “[...] Tentou me desestruturar, porque sabe que eu entendo desse tipo de estrutura e sabe da minha limitação. Isso demonstra que não há espaço de discussão”. O aluno parece ter usado o caderno para pensar questões cotidianas da sua relação com o trabalho e clama para o que há de mais urgente nos *espaçostempos* escolares: necessidade de conversar e de se encontrar.

A aluna Rosa relata que, por meio das pesquisas realizadas em sua comunidade, resgatou muitas histórias. As conversas com pessoas que chegaram à Vila desde o processo de imigração italiana provocaram nela muitas inquietações e curiosidade para conhecer mais de perto os problemas enfrentados pela população do seu município. Nesse contexto, foi delineando muitas problematizações: “[...] Como tem sido a participação dos idosos na comunidade? Que atividades a comunidade realiza para as pessoas da Terceira Idade? Como são os encontros com os idosos? Existem escolas de jovens e adultos? Há encontros de jovens com os idosos?”. A aluna registra, por meio de imagens (textos jornalísticos, fotografias, cópias de certidões de nascimento dos imigrantes etc.), as forças intensivas vividas no processo da pesquisa, por exemplo, o encontro com um antigo morador que fez com que ela se interessasse em buscar mais fontes para a sua pesquisa. Rosa destaca também que foi nos encontros com secretários da Educação, prefeito, representantes das comunidades e das associações de moradores e dos sindicatos dos agricultores que conseguiu buscar alguns novos recursos possíveis para os idosos e jovens da comunidade: “[...] Construir uma Escola

de Jovens e Adultos em alternância; pensar em um atendimento educacional para os idosos”.

Rosa afirma que o Caderno da Realidade é uma forma de preservar todo o processo vivido nos encontros com a pesquisa e de “[...] manter viva a intensidade de cada conversa com os moradores de sua comunidade”. Aponta, também, que hoje o seu caderno é “[...] fonte de pesquisas para toda a comunidade”.

OS “USOS” QUE OS ALUNOS E PROFESSORES FAZEM DOS CADERNOS DA REALIDADE COMO EXPRESSÃO DOS CURRÍCULOS PENSADOSPRATICADOS

No encontro com os cadernos dos alunos, buscamos cartografar os movimentos nômades dos currículos, os currículos *pensadospraticados* na Ledoc/Ufes, que se constituem nas invenções dos processos de *aprenderensinar*, nas artistagens das fabricações dos praticantes ordinários (CERTEAU, 1994) dos/nos cotidianos das escolas e da vida, nos modos de subjetivação que se constituem fora das malhas do poder (DELEUZE, 1992). Assim, problematizamos: que enunciações contidas nos cadernos possibilitam ampliar os processos de invenções curriculares? Que afetos fazem abalos nos modos de existências dos cotidianos escolares e nos processos de *aprenderensinar*?

Certeau (1996) nos propõe, como primeiro postulado da ação criadora dos praticantes do cotidiano, colocar em evidência as artes de fazer e elaborar uma política dessas práticas. Portanto, estas têm sido as nossas indagações: como podemos ampliar os possíveis da escola a partir do que capturamos com os “usos” que os alunos do curso de Licenciatura em Educação do Campo, da Ufes, *campus* Goiabeiras, fazem dos Cadernos da Realidade? Para isso, a nossa proposta é entrar e participar das redes de afetos, afeições, linguagens e conhecimentos dos alunos e dos professores, pois acreditamos que os movimentos curriculares se formam em “redes de conversações” (CARVALHO, 2009) que movimentam as ações, sentimentos, criações, dúvidas, desejos, conhecimentos dos praticantes do cotidiano escolar e também promovem os diferentes modos de viver e de existir.

A aluna Margarida afirma usar seu caderno para registrar observações importantes e planejar ações. Destaca que um dos maiores problemas vivenciados em sua comunidade é a precariedade das estradas e dos transportes. A população desconhece os seus direitos. A aluna ressalta a importância de mobilização dos moradores para as devidas cobranças às instituições responsáveis.

Sabemos que os processos de subjetivações se constituem em um processo coletivo que vai além do individual, em uma dimensão extrapessoal (sistemas maquínicos, econômicos, sociais, tecnológicos) e aquém da pessoa (intensidades pré-verbais provenientes de uma lógica dos afetos e intensidades), conforme aponta Lazaratto (2015). A subjetivação é “[...] uma individuação, particular ou coletiva, que caracteriza um acontecimento” (DELEUZE, 1992, p. 128). Movimentos intensivos que atravessam e extrapolam os múltiplos e diferentes saberes e resistem às instâncias de poderes (HOLZMEISTER; KRETLI; DELBONI, 2016).

O melhor ainda está por vir, pois o nosso próximo deslocamento será por meio dos encontros com os alunos e professores para dialogar com as narrativas expressas nos cadernos da realidade. Esperamos que as conversas promovam o desalojamento do pensamento para que ele possa dar voltas, circular com ideias novas, diferentes, divergentes, intensivas, intempestivas, que façam “a língua gaguejar”, que nos libertem da padronização, da dicotomia e nos impulsionem como as poesias de Manoel de Barros a nos lançar em voos sem asas com a diferença. O problema do pensamento, tanto nas Artes quanto na Filosofia, como expressou Deleuze, “[...] é a velocidade infinita” e isso só se torna possível quando o próprio horizonte está em movimento, quando há espaço para desterritorialização, desconstrução, reinvenção.

Como aponta Pelbart, apud Deleuze (2010, p. 7), o pensamento deve compreender “[...] em um todo o conjunto dos movimentos da Natureza ou do Universo [...] deve atingir aquilo que ultrapassa toda imaginação, isto é, o conjunto dos movimentos como todo, máximo absoluto do movimento, [...] abóboda celeste ou mar sem limites”. O intempestivo, aquilo que transborda.

No encontro com os enunciados expressos nos Cadernos da Realidade dos alunos da Ledoc/Ufes, interessou-nos pensar nas narrativas que

transgrediram os planejamentos, que ousaram ir além do que havíamos solicitado e sugerido. Almejávamos, nos cadernos, capturar os acontecimentos, acompanhar os devires e os agenciamentos. Queríamos “[...] não o que acontece, mas algo no que acontece, para tornar-se digno do que nos acontece” (PELBART, 2010, p. 95). Queríamos acompanhar as multiplicidades expressas nos cadernos, a diferença.

POR ATOS DE CRIAÇÃO

Caminhos múltiplos a seguir, com necessidade de “re-existir” a cada dia, por isso atos de criação são imprescindíveis, pois, como afirma Lazaratto (2006, p. 203), “[...] a coexistência de mundos impossíveis é a condição de existência da multiplicidade”. Deleuze (apud PELBERT, 2010, p. 21) a dizer que a aventura do pensamento passaria por este desafio: “[...] introduzir os impossíveis no mesmo mundo estilhaçado”.

Na análise de Lazaratto (2006), a partir de maio de 1968 os movimentos políticos e as singularidades passaram a operar no plano imposto pelas instituições constituídas e também em outro plano/mundo, o da criação de uma multiplicidade de mundos possíveis.

Diante das políticas das instituições constituídas, nas quais tudo se passa como se houvesse um só mundo possível, os movimentos políticos e as individualidades se constituem e praticam a resistência como recusa, segundo a lógica do ser contra, ou seja, a luta se manifesta como fuga das instituições e das regras da política. No segundo plano, o plano da criação, as singularidades individuais e coletivas desenvolvem uma dinâmica de subjetivação que é a afirmação da diferença e composição de um comum não totalizável.

Lazaratto (2006) aponta que a política consiste em fazer experimentação, pois ela não é apenas a mobilização da necessidade de estar contra ou estar de um lado ou de outro, ou de estar junto. Acredita que tanto a necessidade de se engajar quanto a de estar na luta pela igualdade devem subordinar-se a uma política do acontecimento, a uma política do devir, que é uma política concebida como experimentação. O devir é, portanto, uma multiplicidade de elementos que constituem um agenciamento. Os

agenciamentos moleculares da multiplicidade procuram dispositivos ou instituições favoráveis à sua dinâmica de criação e de atualização de mundos possíveis.

Os Cadernos da Realidade dos alunos da Ledoc/Ufes são agenciamentos maquínicos de desejo, ou seja, agenciamentos coletivos de enunciação que possibilitam movimentar o pensamento e gerar fissuras paradigmáticas. “[...] O desejo é sempre reconhecível pelo impossível que ele levantou e pelos novos possíveis que criou. O desejo é o fato de que, lá onde o mundo estava fechado, surgiu um processo secretando outros sistemas de referências” (LAZARATTO, 2015, p. 26).

Alunos e professores apontam a necessidade de abrir/criar *espaçotempos* e redes de conversações para que possam dialogar sobre as *escreleituras* desses cadernos, a fim de ampliar os agenciamentos coletivos de enunciação e romper com práticas de reconhecimento no ensino que pouco contribuem com o movimento do pensamento. Apostamos, assim, na potência dos processos inventivos dos currículos *pensadospraticados* na Educação do Campo que se constituem por meio das artes de fazer dos professores e dos alunos, artes dos encontros, dos acontecimentos que escapam aos controles e que se engendram em novos/outros *espaçotempos*.

REFERÊNCIAS

CARVALHO, Janete Magalhães. **O cotidiano escolar como comunidade de afetos**. Petrópolis: DP et Alii; Brasília: CNPq, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano 1: as artes de fazer**. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis/RJ: Vozes, 1994.

DELEUZE, Gilles. **Conversações**. Tradução de Peter Pál Pelbart. Rio de Janeiro: Ed. 34, 2010.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. Tradução de João Gabriel Cunha. Lisboa: Relógio d'Água, 2004.

DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Felix. **Kafka: por uma literatura menor**. Tradução de Cintia Vieira da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

GIMONET, Jean-Claude. **Praticar e compreender a Pedagogia da Alternância dos Ceffas**. Petrópolis: Vozes; Paris: AIMFR, 2007.

HOLZMEISTER, Ana Paula; KRETLI, Sandra. DELBONI, Tania. Por um currículo nômade: entre artistagens e invencionices. **Revista Currículo sem Fronteiras**, Porto alegre, v. 16, n. 3, set./dez. 2016.

GOMES, Beth. **Orientações para o Caderno da Realidade**. Disponível em: <http://www.ufvjm.edu.br/cursos/quimica/documentos/doc_view/13-.html>. Acesso em: 10 fev. 2017.

OLIVEIRA, I. **Currículos praticados**: entre a regulação e a emancipação. Petrópolis: DP & A, 2003.

OLIVEIRA, I. Contribuições de Boaventura de Souza Santos para a reflexão curricular: princípios emancipatórios e currículos *pensadospraticados*. **Revista E-Curriculum**, São Paulo, v. 8, n. 2, ago. 2012.

PELBART, P. **O tempo não reconciliado**: imagens do tempo em Deleuze. São Paulo: Perspectiva, 2010.

Recebido em: 13/09/2017
Aprovado em: 14/07/2018

CADERNOS
CIMEAC